



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

JORDANA MARQUES SOUTO

DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: LIVRO DE JÓ

REDENÇÃO-CE

2014

JORDANA MARQUES SOUTO

DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: LIVRO DE JÓ

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB.

Orientadora: Prof. Dra. Izabel Cristina dos Santos Teixeira

REDENÇÃO-CE

2014

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

S71d Souto, Jordana Marques.

Diálogos entre literatura e história: livro de Jó. / Jordana Marques Souto. – Redenção, 2014.

36 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Isabel Cristina dos Santos Texeira.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Literatura – crítica e interpretação. 3. História. I. Título.

CDD 800

JORDANA MARQUES SOUTO

DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: LIVRO DE JÓ

TCC apresentado, avaliado e aprovado no dia ____, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dra. Izabel Cristina dos Santos Teixeira

Prof. Dr. _____

Prof. Dr. _____

Redenção, __ de Novembro de 2014

Dedico a Deus, que na sua magnitude e infinita misericórdia me concedeu a oportunidade de concluir essa etapa. Com muito amor, dedico à minha mãe Francisca Angelina Marques Souto, que sempre me ajudou nas horas mais difíceis, pela sua compreensão, apoio e contribuição para minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À Deus primeiramente por ser tão bondoso, abençoando os meus estudos e possibilitando a realização de um sonho.

Ao meu Orientador, Professor Doutor João Batista Pereira, por sua paciência, dedicação, me repassando seus conhecimentos de maneira tão atenciosa.

À minha querida mãe, Francisca Angelina Marques Souto, que sempre esteve disposta a me ajudar em qualquer situação durante essa trajetória e em toda minha vida, obrigado por todos os momentos dedicados a mim.

Às minhas irmãs Jocasta e Juliana, e a meu Pai, José Maria de Paula Souto, por seus conselhos e cuidados.

Aos meus amigos e inseparável equipe de sala de aula, Larissa, Soraia e Walef, vivemos momentos mais que especiais juntos.

Aos meus companheiros de república, Brenda, Ylane, Jordan, Leandro, e especialmente a minha companheira inseparável nessa caminhada, Larissa, por ser tão amiga, e ser alguém que posso sempre contar, obrigado por fazerem dos meus dias mais divertidos.

A todos os meus mais sinceros agradecimentos!

Bem sei que tudo podes, e
nenhum dos teus planos pode
ser frustrado.

Jó 42:2

RESUMO

No decorrer do tempo, várias foram as aceções e modificações feitas a respeito dos estatutos, literário e histórico, principalmente quando se propõe defini-los conceitualmente. A História, tida como algo absoluto, vem perdendo seu traço de objetividade, se afastando de uma verdade universal; por sua vez, a literatura, como transformadora estética da realidade, vem se afastando das concepções retóricas e das figuras de linguagem como instâncias singulares que constroem a obra literária. Mediante o exposto, o presente trabalho tem como objetivo: comparar e apresentar os conceitos de história e literatura; apontar os atributos para que uma obra seja considerada literária, e quais os artifícios utilizados para abarcar sua esteticidade; e elaborar uma análise crítica do Livro de Jó, a partir dos pressupostos teóricos. O aporte teórico a ser utilizado no presente estudo se ampara em ideias desenvolvidos por Heródoto, considerado “o pai da história”, em seu livro “História”; Aristóteles em “A Poética”; José Veríssimo, “O Que é Literatura?”; Luiz Costa Lima, “História. Ficção. Literatura”; que trazem conceitos essenciais no estudo sobre literatura. O método aplicado foi o levantamento e a revisão bibliográfica que discorrem sobre o objeto literário e histórico. Os resultados obtidos foram acerca das mudanças ocorridas nos conceitos de literatura e história comparados dentro das diferentes épocas, verificando as contradições estruturais e temáticas que permeiam os textos históricos e literários e sobre o fato de que algumas obras não se encaixam em uma classe específica permeando entre os dois âmbitos histórico e literário, como o livro de Jó devido os seus aspectos culturais e estéticos.

PALAVRAS-CHAVE: história; literatura; livro de Jó

SUMÁRIO

Introdução	09
CAPÍTULO I – HISTÓRIA E LITERATURA.....	12
1.1. História e Literatura na Antiguidade.....	12
1.2. História e Literatura na Modernidade.....	16
1.3. História, Literatura e Teologia.....	22
CAPÍTULO II – Leitura do Livro de Jó- Resumo da Narrativa.....	25
CAPÍTULO III – História e Literatura no Livro de Jó- Análise.....	28
Conclusão.....	33
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	34

INTRODUÇÃO

Em uma determinada etapa do processo de criação literária, observa-se intersecções, como a fusão da história com a literatura. Assim, passam a existir fatores que se cruzam nestes universos distintos, fazendo com que a verdade de uma possa ser representada pela outra, por meio de seus moldes peculiares. Ou seja, um momento histórico pode ser representado em uma obra literária, através de suas figuras de linguagem e demais características fundamentais, não sendo possível distinguir, de forma exata, qual se faz mais presente ou ausente. No âmbito teológico, ocorre o mesmo.

À medida que o homem avança nas artes e nas ciências, vão se dando separações e sistematizações acerca das duas áreas de conhecimento: a história se refere predominantemente a fatos reais e a literatura, como uma manifestação artística, que se direciona à distração e ao lazer ligado às emoções. Nessa interface, o divino permanece como objeto de fuga e apelo para as dificuldades humanas. Dessa forma, a literatura, então, teria o seu conceito ligado à exposição de ideias singulares de total ingresso à fantasia humana, em que seus ocorridos estariam relacionados a conjecturas, cabendo à história a retratação da realidade.

Porém, tais sistematizações aparentemente não se aplicam, pelo menos, não em todos os momentos, uma vez que as produções deixam de possuir determinantes específicos que as enquadrem em um só padrão. Levando em conta suas especificidades, elas não se resumem, uma à outra, e o que é observado atualmente é a atuação de historiadores “dentro do imaginário”, da literatura, utilizando-a inclusive como fonte histórica e meio de preservação e acesso ao passado.

No âmbito em que o histórico e o poético se cruzam amparados pela linguagem, a migração de enredos e personagens bíblicos para obras artísticas e sua rememoração como arquétipos ressaltam a presença de elementos teológicos influenciando a literatura (PEREIRA, 2012, p.91).

Com efeito, o cruzamento entre “as escritas”, histórica e poética, proporcionam o surgimento de inúmeras obras que se tornaram objeto de estudo,

devido a essa sua característica peculiar, na tentativa de enquadrá-las em uma área de conhecimento ou na tentativa de descobrir qual é a mais atuante, como por exemplo: O “Livro de Jó”, encontrado no antigo testamento da Bíblia Sagrada; “História”, de Heródoto; Os Sertões, de Euclides da Cunha e as tragédias e epopeias gregas.

O “Livro de Jó”, além de suas atribuições teológicas e contribuições estéticas, possibilita indagações sobre os âmbitos literário, cristão e histórico que, no transcorrer dos tempos, aparentemente ainda não foram respondidas, o que sugere inúmeros estudos acerca da obra citada.

A narrativa de Jó, livro do Antigo Testamento, conta uma história de sabedoria e humildade em que Jó, protagonista da trama, inicialmente, um homem rico e temente a Deus, é tentado por Satanás, que questiona a Deus se tamanho respeito e temor de Jó por Ele não estariam ligados a sua bem aventurança. Então, Satanás, propõe a Deus que a fidelidade de Jó venha à prova, o atingindo das piores formas possíveis, primeiramente lhe destituindo de sua riqueza, seguido de sua família e, por fim, de sua saúde. Porém, ao contrário do esperado, em momento algum, Jó blasfema contra Deus, provando para Satanás a sua fidelidade a Deus. Deus, então, lhe restitui em dobro tudo o que lhe havia sido tirado.

Após esse breve exemplo de interpolação textual histórico, teológico e literário, aqui, serão apresentados e comparados os diferentes conceitos de História e Literatura que surgiram ao longo do tempo, observando o grau de reciprocidade entre os diferentes estatutos, e como estes dialogam em obras que possuem esse dualismo, uma vez que são, sim, campos distintos e autônomos, mas que, em certos casos, se cruzam e se convergem continuamente, apontando os atributos necessários para que uma obra passe a ser considerada literária, expondo os artifícios usados para abarcar a sua esteticidade, bem como a sua importância no trabalho do historiador.

Mais ainda: o presente trabalho tem como objetivo analisar as questões históricas e literárias que permeiam uma obra, mais especificamente o Livro de Jó, narrativa de caráter teológico. Para tanto, o trabalho pretende identificar as questões que ligam e separam o discurso histórico e literário, observando a influência e o nível

de correspondência possuído entre estes em tal obra, examinando os aspectos culturais, sociais e padrões linguísticos que a compõem.

As análises das referências, que contribuíram para a compreensão da base teórica considerada, suporte para compreender diferenças e semelhanças entre os textos históricos e literários, foram leituras como a de Aristóteles (1985), Fernandes (2009), Fortunado e Andrade (2009), Heródoto (2006), Lima (2006), Nunes (1993), Veríssimo (2001), White (2001).

Pela observação das contradições na estrutura e temática que permeiam os textos históricos e literários (com foco no aspecto estético), tem-se em mente auxiliar na concepção do objeto literário, na narrativa, que torna peculiar o enredo de obras com essas características, em uma categoria que abrange referentes, contextuais e da própria trama em si, tais como: tempo, ação, personagem, narrador, espaço, e linguagem em que esta última surge como parte condicionante da estrutura literária e do caráter simbólico.

1. História e Literatura

1.0. História e Literatura na Antiguidade:

Na antiguidade, a História e a Literatura ainda não se distinguiam e a oralidade predominava em forma de relatos repassados de geração para geração. O livro “História”, de *Heródoto*, considerado o “Pai da História”, provavelmente onde ela surgira, registra, no final do século IV a.C, uma inacabável guerra entre gregos e persas. O autor, que teria presenciado algumas cenas do confronto entre estas inconciliáveis civilizações, nascera, segundo alguns estudiosos, no ano 484 a.C, por isso, toda sua infância decorrera em meio a estes acontecimentos. De outra sorte, ele teria também ouvido, quando não foi possível lhe testemunhar, fatos narrados por soldados que participaram diretamente dos combates.

Heródoto foi um dos renovadores da poesia épica e “a paixão de saber, de ver e de contar apossou-se de seu ânimo” (2006), assim foi lhe proporcionado viajar pelo mundo antigo, descrevendo territórios, monumentos, povos, ídolos e religiões dos lugares de sua peregrinação, sempre buscando a verdade em seus relatos. “Ninguém poderá negar que nesses relatos, em que Heródoto endossa coisas que não lhe fora dado ver em suas viagens, foi levado a equívocos pelos informes dos sábios, intérpretes e guias” (2006). Este usava apenas de sua memória para escrever seus livros, seja através de suas vivências, ou relatos de outros. “História” foi um dos seus últimos livros. A esse respeito, *Henri Chabrol* afirma que:

O admirável nesta obra é precisamente (quando se examina a fase em que foi escrita) que tenha sido tão completa e se revista de tão grande unidade, ao mesmo tempo, pois todas as digressões aparentes reconduzem-nos ao tema central: o choque fatal entre a Grécia e a Ásia. Deploramos lacunas referentes à Assíria (HERÓDOTO, 2006, p.20).

Chabrol admirou-se com a obra de Heródoto, mas não existiram registros concretos para a escrita do livro. É por isso que, hoje, muitos julgam a obra de *Heródoto* apenas como um mito, vendo que a história atual considera registros e fontes concretas. “A rigor, temos nela mais um diário de viagem do que propriamente

uma história no senso moderno do termo” (2006). Também não é válida, hoje, na história, a hipótese da dependência do homem ante ao divino e a presença do divino no cotidiano destes, sendo que Heródoto deixa claro, durante todo o livro, a relação direta do homem com o sobrenatural, algo que desafia a história atual como ciência, pois a subjetividade da obra se contrapõe à fidelidade dos fatos que hoje o historiador busca ter. Mas também, “seria um erro e uma injustiça julgar a obra de Heródoto segundo os meios e os fins da historiografia moderna. Ele próprio a designa como “uma exposição de pesquisas” (2006).

O autor também recebe várias críticas, uma destas vem do *Coronel Mure*, em “Literature of Greec”, Vol. IV, página 354, que as enumera:

1.º) a credulidade, ou um amor indevido ao maravilhoso, tanto em matéria religiosa, como no campo da natureza ou dos hábitos do homem; 2.º) uma procura constante do efeito, conduzindo ao exagero, às contradições, e uma excessiva inserção do elemento anedótico em sua obra; 3.º) ausência de julgamento de métodos críticos, evidenciado em descuidos, inexatidões e trivialidades, os quais não podem ser levadas à conta de outro hábitos da inteligência, e parecem apenas resultado da falta de faculdade crítica (HERÓDOTO, 2006, p.27).

George Rawlinson (2006) também apresenta sua opinião sobre a credulidade de Heródoto, afirmando que sua convicção religiosa se resume à inspiração profética dos oráculos. Tal indício é identificado no “Livro VII- Polímnia” quando o Rei Leônidas de Esparta consulta o oráculo para assegurar-lhe se era cabível lutar ou não, interrogando-lhe se seriam vencedores no confronto contra o império de Xerxes I. Estes se comunicavam com os homens apresentando suas admoestações em forma de sonhos e, outras vezes, por intermédio de prodígios realizados, colocando em evidência o aparecimento de deuses na terra na forma de humanos. Isso gerou, muitas vezes, descrédito da obra, pois essa linha de crenças prejudicou a narrativa, fazendo muitos duvidar da autenticidade dos fatos narrados pelo o autor. “Todo o plano de sua História baseia-se numa ideia que não se pode considerar rigorosamente exata, embora geralmente difundida na sua época” (HERÓDOTO, 2006)

Ainda na antiguidade, *Aristóteles*, o primeiro a distinguir a literatura da história, no livro “Poética”, define-a como a “arte que se utiliza apenas de palavras, sem ritmo ou metrificadas, estas seja com variedade de metros combinados, seja usando uma só espécie de metro, até hoje não recebeu um nome” (ARISTÓTELES, 1985). A obra de Aristóteles é um dos clássicos mais estudados na Estética e Filosofia da Arte, uma análise detalhada mostrando a forma de ser e proceder da epopéia e da tragédia, deixando clara a forma de uma composição poética.

Não é em metrificicar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com o metro do que sem ele; a diferença está em que um narra acontecimentos e o outro, fatos quais podiam acontecer. Por isso, a poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História; aquela anuncia verdades gerais; esta relata fatos particulares. Enunciar verdades gerais é dizer que espécie de coisas um indivíduo de natureza tal vem a dizer ou fazer verossímil ou necessariamente; a isso visa a Poesia, ainda quando nomeia personagens (ARISTÓTELES, 1985, p.28).

Segundo *Aristóteles* a poesia surgira através de dois procedimentos: a imitação, que é um ato natural desde a infância, os primeiros conhecimentos vem por meio desta, e segundo, seria que o ato de aprender, que é sumamente agradável. A epopéia, assim como a tragédia, imita em versos homens superiores, por outro lado, a tragédia, como uma imitação de caráter elevado, se completa em linguagem ornamentada e adornos, distribuídos pelo drama, com atores atuando e não narrando, despertando o temor e a piedade, tendo por efeito a catarse (purificação) destas emoções.

Aristóteles diz que a tragédia é constituída por seis (06) elementos: a fábula, que é a imitação da ação; o caráter, que diz respeito à qualidade dos personagens; as falas, que são o conjunto dos versos; as ideias, tudo o que dizem os personagens para manifestar seu pensamento; o espetáculo, que é a parte cênica; e o canto, principal adorno do espetáculo.

Afirma ainda que *Homero*, por exemplo, poeta da Grécia antiga, autor de uma das principais obras da antiguidade, os poemas épicos: *Ilíada* e *Odisséia*, foi

um dos primeiros autores da poesia a dramatizar o cômico, sendo um autor de poemas nobres, representando ações.

Aristóteles acreditava que era necessário haver, nas tragédias gregas, uma mímese (fornecimento de “possíveis” interpretações do real através de ações, pensamentos e palavras, de experiências imaginárias) e uma verossimilhança (o que é semelhante à verdade e que não repugna a verdade provável). Assim, *Aristóteles* se torna, sem dúvidas, imprescindível e decisivo para entendermos, até então, a arte e a sua composição.

1.2. História e Literatura na Modernidade:

No final do século XIX, na busca por dissociar a ciência da arte, *José Veríssimo* (no livro *Que é Literatura?*, 2001) faz um diálogo **um tanto** obsoleto, disseminando idéias que, apesar de hoje serem ultrapassadas e terem sido reconstruídas sobre uma nova perspectiva devido suas limitações, são de extrema importância no presente estudo, pois sua leitura enquadra-se em uma época de inúmeras indagações e descobertas a respeito da literatura.

Para o autor, são várias as acepções acerca da literatura e suas características, porém, essas classificações, como linguagem rebuscada, entre outras, não são suficientes para demarcá-las como tais. Seria necessário que, além de uma boa escrita, de uma elegância textual, artifícios lingüísticos, a literatura tivesse uma tendência emocional. A arte deveria exigir de nós, através da “maneira de dizer, de modos de contar ou de exprimir” (VERÍSSIMO, 2001), uma comoção, não apenas uma diferenciação na linguagem, mas que causasse uma exposição dos nossos juízos e dos nossos sentimentos.

De acordo com o avanço dos estudos, esta perspectiva de *Veríssimo* se torna limitada, ao ver que é preciso ir além da emoção, pois esta precisa estar calcada na verossimilhança, utilizada de artifícios artísticos e trazendo uma transfiguração da realidade.

Hilberto Barbosa Filho (em *O Clarim e a Oração Cem anos de Os Sertões*, 2001) em uma análise do livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões* (1902), se preocupa com a esteticidade, com a riqueza estilística e aparente das obras, estando em uma época em que já se busca aproximar a arte com a ciência, a poesia com a verdade, ressalta a importância do uso da linguagem para que haja uma ultrapassagem na história, e a transformação desta em arte.

Por esteticidade entendemos o conjunto daqueles fatores que fazem com que *Os sertões* ultrapasse a chamada função referencial – obra ensaística que é – para se instituir, sem qualquer prejuízo para a veracidade dos fatos sobre os quais reflete e aos quais narra, enquanto autêntica obra de arte literária, isto é, obra em que a

função poética coexistente, em perfeito equilíbrio, com as outras funções da linguagem (FILHO, 2002, p.330).

A princípio, é perceptível na obra o seu caráter multifacetário, onde esta abrange inúmeros estilos, revelando, a partir daí, a sua singularidade dentro do universo literário. A estrutura do livro segue um padrão que se mistura e interage construindo a estética da obra. O seu primeiro estudioso é José Veríssimo que já consegue identificar em 1902 algumas dessas características. O crítico enxerga em Euclides “um homem de sensibilidade, um poeta, um romancista, um artista, qualidades estas que se materializam na sua escrita”. Desde então, incontáveis estudiosos como: Sílvio Romero, Ronald de Carvalho, Nelson Werneck Sodré, Érico Veríssimo, Antônio Soares Amora, Alceu Amoroso Lima, Franklin de Oliveira, Alfredo Bosi, José Guilherme Merquior, Massaud Moisés e José Aderaldo Castello, se debruçaram sobre “Os Sertões” para analisar as suas várias temáticas, seja no campo sociológico, no científico, artístico, estético, geográfico, histórico, entre outros.

Dentre as diversas interpretações feitas acerca da obra de Euclides da Cunha, acima referida, José Veríssimo, logo de início, ressalta a forma estética peculiar desta. Por sua vez, Sílvio Romero atenta para a crítica das questões sociais e a “parte artística”, onde a capacidade de o escritor supramencionado ser “além de um escritor comum”, ao se tornar “um homem que pensa, que conceitua, que descreve, mas que sente, que se comove, que se espanta... Que faz ciência mas que também faz obra de arte” (FILHO, 2002).

Para *Nelson Werneck Sodré* (1976), o ponto chave da obra seria o homem, onde apesar de, na época, a ciência e o naturalismo estivessem bastante presentes em outras literaturas, em “Os Sertões” o que se havia de semelhante, em outras obras, se tornava único e dotado de grande individualidade. A partir desta, surge uma nova forma de gênero literário que seria a literatura regional, onde o próprio *Érico Veríssimo* afirma que: “Se eu tivesse de escolher só um livro na literatura brasileira para ser traduzido em outras línguas como representante de meu país e de meu povo, certamente seria “Os Sertões”. É de fato nosso maior clássico, fornece a chave mestra para alma brasileira” (1997).

Luís Costa Lima em *História. Ficção. Literatura* (2007) traz um novo conceito no estudo sobre obras que possuem dualismos constantes, e que não podem ser definidas apenas no campo histórico, ficcional ou literário, mas são compostas destas diferentes áreas, são as chamadas formas híbridas. “Por formas híbridas entendemos aquelas que, tendo uma primeira inscrição reconhecida, admitem, por seu tratamento específico da linguagem, uma inscrição literária” (LIMA, 2007). Também existem obras que não possuem inscrição ou classificação nenhuma.

O autor desmitifica a questão da conceituação do fictício, que geralmente é relacionado como uma fraude, pois afirma que esta pode ser até mesmo independente da literatura, autônoma podendo aparecer em livros não literários, como por exemplo, as autobiografias.

A veracidade dos fatos também se torna importante no estudo de Luís Costa Lima. Surgem indagações sobre esta tal veracidade que muitos escritores procuram ter, perguntas como: Será mesmo possível que as informações contidas em relatos que estão sendo considerados como coerentes com a realidade, estão sendo fiéis a verdadeira história, sendo possível termos a verdade absoluta nestas narrativas? Há vários questionamentos sobre algumas obras nas quais foram escritas, sem a participação do autor em seus acontecimentos, por exemplo, novamente em “Os sertões”, livro composto por três partes: *A terra, O homem, e A Luta*, onde o autor deixa de vivenciar a terceira parte do livro, mas mesmo assim, a escreve (2008).

Uma das mais polêmicas discussões sobre a História e a Literatura, foi feita por *Hayden White* (*O Texto Histórico como Artefato Literário*, 2001), onde o autor radicalmente afirma que a história não existe, pois esta foge da objetividade que busca ter. Segundo ele as narrativas históricas seriam apenas literatura, pois quando se trata de linguagem e signo, sempre o escritor escaparia da verdade. Assim, o historiador apenas escolheria qual perspectiva deve seguir, de acordo com as suas vivências, afastando-se assim da verdade absoluta, não havendo como anular as suas concepções, pois jamais sairia completamente do mito para dar vida aos acontecimentos, por isso não escreveria nada certo daquilo que não foi visto ou conhecimento.

Mas de modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tão *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências (WHITE, 2012, p.98).

Para *White* a história não é puramente história, se esta usa de símbolos, mitos e métodos de linguagem, dessa forma ela se tornaria “*estória*”. Sua concepção certamente provocou perturbações em alguns historiadores e teóricos literários, na qual a ideia de literatura vai de forma contrária, da história à ficção, ou, do fato à fantasia. Provocando o campo da historiografia, White foi refutado por outros autores, dentre eles, *Roger Chartier*:

Se a história produz um conhecimento que é idêntico àquele gerado pela ficção, nem mais nem menos, como considerar (e pó que perpetuar) essas operações tão pesadas e exigentes que são a constituição de um corpus documental, o controle dos dados e das hipóteses, a construção de uma interpretação? Se realmente o discurso histórico assemelha-se à ficção narrativa, e até mesmo converge com ela, tanto pelas estratégias que emprega para atribuir um sentido aos acontecimentos quanto pelo tipo de verdade com o qual o lida, se a realidade dos fatos tramados não importa à natureza do saber produzido, a operação historiográfica não seria tempo e pena perdidos. (CHARTIER, 2002, p.122)

Para *Chartier*, seria um equívoco anular todas as chances de verdade da história, e igualar os dois campos, pois a história produz o conhecimento de uma maneira diferente, coletando-se dados que decifram as questões problematizadas na pesquisa. Além disso, a História se vale de citações, de materiais, de dados, que certamente levantarão hipóteses e uma análise crítica, isso a distingue da literatura.

Maria Lucinete Fortunado e Raquel Thomaz de Andrade em *Narração Histórica, Narração Literária: Uma Aproximação Possível* (2009), discutem a relação desses dois campos narrativos, buscando compreender o diálogo entre estas distintas áreas, eliminando, assim, qualquer tipo de situação hierárquica, que

poderia causar subjuugamentos de ambas as partes, analisando suas possíveis aproximações e distanciamientos.

No final do século XX, o caráter de verdade da história começa a ser questionado, surgindo inúmeras indagações.

Os debates teóricos acerca da relação entre história, narrativa e literatura levantam questionamentos como: 1- Se a história e a literatura são dois campos distintos, de que maneira eles dialogam? 2- Quais contribuições esses dois espaços de escrita fazem para a produção de conhecimento? 3- Que verdade é essa que serve como referência para a história e é vista por determinados autores como a peça diferenciadora das duas disciplinas? (FORTUNATO; ANDRADE, 2009, p.111)

Uma das ideias apresentadas no texto é a de *Paul Veyne* em “Como se escreve a História” (1982), o autor não distingue a história da literatura tradicional, por entender que esta se diferencia apenas por trazer uma forma mais compreensível. *Paul Ricoeur* (1994), também coloca em questão o fato da pré-compreensão do autor. Diz que seria impossível o historiador ou o literato não ter um posicionamento pré-concebido dos assuntos dos quais ele escreveria, assim, em um momento posterior este imitaria ou representaria a ação. A narrativa seria a única forma de “humanizar o tempo”, de reconfigurar as ações humanas e de imitar as experiências temporais.

Sandra Jatahy Pesavento (2006) ao tratar do assunto supramencionado, certifica-se que os dois campos, tanto a literatura quanto a história, estão associados com o real e que esse discurso não pode ser simplificado em *realidade X ficção*, as duas áreas devem ser exploradas como reais, delimitando seus saberes e analisando suas aproximações e distanciamientos.

O mundo da ficção literária – este mundo verdadeiro das coisas de mentira – dá acesso para nós, historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter acontecido no passado e que os historiadores buscam. Isto implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua

concretude de “real acontecido”, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam (PESAVENTO, 2006, p.8).

Por sua vez, a filósofa Mônica Pimentel Velloso (2007), retratando a literatura brasileira, encarrega a literatura de ter feito coisas que à história não coube fazer, pois foram dadas a elas o poder de representar o país, criar símbolos nacionais e identitários, levando em consideração que o passado da nação não foi reconstruído apenas por historiadores, a literatura serviu de instrumento nessas descobertas, buscando, mesmo através da ficção, uma narrativa verdadeira, escritores como José de Alencar, Euclides da Cunha, Jorge Amado, entre outros.

Assim, o discursos histórico e literário, mesmo sendo campos distintos e autônomos, se cruzam e se permeiam, por meio das suas funções; a verossimilhança e a realidade se tornam ainda mais próximos, sendo impossível de ignorar a importância das obras literárias para o trabalho do historiador, pois esta nos permite ter acesso ao imaginário de várias épocas.

1.3. História, Literatura e Teologia:

A questão religiosa, dentro da literatura, ainda é tratada como elemento diferenciado dentro deste campo, uma vez que existem demasiados levantamentos acerca da composição do gênero literário dos evangelhos bíblicos, como os feitos a respeito do livro de Mateus, primeiro livro do novo testamento da Bíblia Sagrada.

João Leonel, em seu artigo: “Literatura e Teologia: gênero literário e texto bíblico” (2013), propõe a assertiva de que a biografia greco-romana seria o gênero dessas obras únicas da literatura cristã. A biografia teria surgido como um estilo variado de obras literárias, somente a partir do século IV a.C em V d.C., retratada com esse nome, e o historiador romano Cornélio Nepo, que é considerado pai desta modalidade de estilo, a inseriu na nação romana, trazendo o diálogo entre a vida e a morte, apresentando os biografados como modelos ideais de comportamento e posicionamento frente à morte.

A biografia foi além de delimitações, pois, à medida que era utilizada como fonte histórica, podia também ser fonte propulsora de ideias contrárias a tal personagem retratado nesta.

Uma das principais características do gênero em questão (Biografia) é o fato de a figura apontada nesta ser possivelmente de grande representatividade na história da sociedade. A pessoa biografada seria descrita de maneira seletiva, uma vez que, diferente da história, que estabelece as realizações de uma pessoa sob uma óptica política, econômica e social com maior agregação e veracidade de ocorridos, a biografada surgia com o papel de se sobressair com determinadas características positivas. Nessa vertente, não existe necessariamente ordem cronológica de infância, idade adulta e velhice. Para o relato, pode-se escolher apenas umas destas etapas, sem apelo para o caráter psicológico e subjetivo, além das suas funções sociais como:

- (1) Apresentar o biografado como figura ideal levando os seus leitores a aceitarem sua autoridade ou imitar seu modo de vida;
- (2) defender o biografado como contra o entendimento equivocado da parte de seus seguidores ou de estranhos, de modo que a verdadeira

personalidade fosse revelada e sua influência exercida; (3) desacreditar o biografado mediante sua exposição ao ridículo; (4) indicar onde a verdadeira tradição se encontra no presente. Essa perspectiva manifesta-se principalmente nas biografias de fundadores de escolas filosóficas; (5) servir como uma ferramenta hermenêutica para legitimar o ensino do biografado, mostrando que sua vida corresponde ao seu ensino ou para fornecer uma chave interpretativa para leitura de suas obras (LEONEL, 2013, p.63).

O evangelho canônico de Mateus, por exemplo, vem a princípio como uma biográfica seletiva em que Mateus apresenta a infância de Jesus, sua ascendência, genealogia, e o papel social de Jesus como líder e exemplo, frente à população e seus apóstolos, que sempre o acompanhavam e eram ensinados por ele diariamente. “Durante todo o ministério de Jesus, tais descrições aproximam o evangelho de *Mateus* às biografias de filósofos, escritas para propagar os seus ensinamentos e os de sua escola” (LEONEL, 2013).

No evangelho, acima de tudo, sua ênfase é na exposição do caráter incorruptível do biografado sem evolução, permanecendo Jesus sempre o mesmo, ressaltando que, como nas biografias greco-romanas, no evangelho, ao dar importância à estirpe divina de Jesus, se compara a outras antigas obras desse gênero.

As ações de Jesus Cristo, igualmente, manifestavam o reino dos céus, revelando seu caráter de filho de Deus. A chegada do reino trouxe consigo sinais daquilo que seria a realidade plena do futuro. Não haveria mais doenças, morte, pecado e a ação do diabo. Por conseguinte, quando Jesus operava uma ação de poder, ela se constituía em sinal antecipatório da presença definitiva do reino. (LEONEL, 2013, p.68)

Portanto, o evangelho como biografia greco-romana surge com o objetivo de esclarecer as concepções enganosas sobre Jesus e apresentar o seu caráter através de suas “palavras e ações”. Ao elaborá-lo, o evangelista traçou um paralelo entre história, narrativa e leitores, trazendo traços da atualidade que se encarregaram de tornar a obra de maior importância para o leitor e este traz as características necessárias para se enquadrar como gênero biográfico, incluindo a

seletividade de fatos para ser de maior amplitude para os leitores e logo “a partir das características identificadas e suas ocorrências no evangelho estudado, pode-se concluir que o gênero se torna o canal pela qual a teologia do teologista se expressa e é modulada” (LEONEL, 2013).

Silvana de Gaspari, em seu artigo sobre teologia e literatura, “Tecendo comparações entre teologia e literatura” (2011), nos apresenta a bíblia como uma importante obra, conhecida em todo o cenário mundial que, desde muito tempo, gera debates acerca do seu caráter teológico e literário. Alguns estudiosos afirmam que ela se mescla entre essas duas áreas, desconsiderando o seu valor cristão como a “Palavra de Deus”. O que não pode ser negada é a sua possibilidade de interpretação, a qual, assim como outros textos, pode ser analisada à luz de fundamentos literários.

A peça chave para tais considerações estaria na compreensão e no enxergar sob o ponto de vista do determinado autor do texto, respeitando sua crença e a sua realidade. Dentro da teologia, a Igreja Católica sustenta o argumento de que as diferentes áreas do saber e das ciências podem auxiliar na busca por respostas sobre o divino e o humano, mas, ao apresentar a literatura como arte, é conhecido que, no transcorrer da história, ela sempre se posicionou de forma crítica e, em determinados momentos, escarneadora a tudo que possuía caráter religioso e, por vez, a Igreja, de maneira contrária à literatura e suas demais manifestações.

Porém, é levantado o questionamento de que a Bíblia, dentro da hipótese de ser uma obra literária, seria considerada arte e logo essa aversão histórica seria quebrada neste ponto, com arte e religião interligadas, “sob esse aspecto, ler um livro com elementos religiosos como conteúdo é, além de entretenimento, ter a possibilidade de analisar seu discurso em função com a idéia que temos de Deus e suas implicações na humanidade” (GASPARI, 2011).

Na literatura e na teologia, segundo a autora, dentro destes diferentes âmbitos passa a haver uma relação em que uma utiliza a outra para explicar problemas comuns e mistérios à humanidade, onde, em determinado momento, a teologia tenha se voltado para importância da literatura e percebido a sua capacidade de revelar os principais aspectos do ser humano, uma vez que sendo a

junção desses dois contextos de fundamental importância para o entendimento da natureza humana.

2. A leitura do livro de Jó- Resumo da Narrativa:

Muitos dos historiadores se utilizam de diversas literaturas em seus estudos, e estas os ajudam, em seus variados tipos de investigações, podendo trazer consigo informações importantes sobre acontecimentos históricos ocorridos, abrindo portas e nos permitindo ter acesso e sermos conhecedores de determinadas culturas, em diferentes épocas.

Desta forma, o livro de *Jó*, nos permite isto, ele se encontra no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, no qual, não sabemos ao certo quando foi escrito e nem por quem, pois, diferente de alguns livros da Bíblia que no título trazem consigo o nome do autor, *Jó* seria um candidato improvável nesta posição, pois em seus relatos aparenta não ser conhecedor do acontecimento antecedente no céu, e este não entende a razão de suas aflições.

Existem varias hipóteses sobre quem tenha escrito o livro, algumas de que tenha sido Salomão, pois é ele o autor dos outros livros de sabedoria, com exceção do livro de salmos, do qual escreveu apenas dois capítulos, o 72 e 127, mas o mais provável seria Moisés, pois este viveu por 40 anos na terra de Midiã, lugar próximo à terra de Uz, onde a história acontece.

O livro pode repartir-se em três períodos, onde a estrutura da narrativa do prólogo se constrói do capítulo 1 ao 2, todo relato poético do tormento de *Jó* e de seus amigos consoladores que se encontra do capítulo 3, versículo 1 ao capítulo 42, versículo 6 e, por fim, o epílogo no capítulo 42.7-17.

O autor inicia, mostrando a virtude e a riqueza de *Jó*, relatando uma época na vida deste em que ele foi testado e o caráter de Deus lhe foi revelado. *Jó* era um “homem integro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal.” Considerado um homem de grande importância, pois era o maior em todo Oriente, possuía muitos bens, sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas, vários trabalhadores lhe serviam, seus filhos (sete filhos e três

filhas) faziam banquetes e, após suas regalias, seu pai os santificava e durante as madrugadas oferecia holocaustos a Deus, isto era um tipo de oferta feito com animais, prática conhecida desde os tempos de Noé. Ofertava-os a Deus e dizia: “Talvez tenham pecado os meus filhos e blasfemado contra Deus em seu coração.”

Tendo ocorrido, nesse mesmo período, um momento em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor e entre eles veio também Satanás, criando um debate acerca da integridade de *Jó* e as razões deste se conservar desse modo, este afirma que sua retidão era consequência de todas as bênçãos nas quais desfrutava e que, a partir do momento em que essas fossem-lhes retiradas, este blasfemaria contra Deus; assim o Senhor permitira que tocasse em tudo o que possuía, provando-o.

Assim inicia-se uma série de aflições na vida de *Jó*, onde este perdera tudo, dos filhos aos bens materiais, porém, diante de tamanhas perdas este não se rebelou contra Deus, mas como sinal de extremo sofrimento, ao saber dos acontecidos, rasga seu manto, raspa a cabeça e se lança sobre a terra, isso era uma forma de manifestar suas dores e perdas inestimáveis, como era de costume na sua cultura, e pelo contrário, adorou-o dizendo: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR.”

No capítulo 2, repete-se a ocasião onde os filhos de Deus tornam à presença do Senhor e juntamente com eles Satanás se apresenta mais uma vez. Deus chama novamente a sua atenção para a integridade de *Jó*, que mesmo com suas incitações, sem causas, continuava reto em sua presença. Satanás questiona essa fé inabalável, instigando a Deus sua permissão para que atingisse fisicamente seu servo.

E assim ele teve outra oportunidade de atingi-lo, atacando agora através de inúmeras doenças perniciosas. *Jó* encontrava-se num estado deplorável, com tumores malignos sobre todo seu corpo, a Bíblia retrata o seu estado como “sentado em cinza”, ou seja, este estava sofrendo terrivelmente e teve que se dirigir para fora da cidade, para um lugar chamado monte de cinzas, onde os leprosos se isolavam do restante das pessoas.

Revela-se nesta cena mais um dos costumes da época, onde eram condenados ao exílio aqueles que se encontravam enfermos de doenças de pele, pois tais males eram tidos como irremediáveis, por conta da medicina inexistente. Diante de tantos infortúnios, preferiu Jó amaldiçoar no capítulo 3 o dia do seu nascimento do que blasfemar contra Deus. Sabendo da desgraça de Jó, seus amigos Elifaz, o temanita da cidade de Edom, Bildade, o suíta que era descendente de Abraão e Zofar, o naamatita, residente de um local desconhecido, provavelmente em Edom ou Arábia, foram consolar seu amigo, estes sequer reconheceram Jó e, em sinal de profunda tristeza, ergueram a voz e choraram, rasgaram os seus mantos e lançaram pó ao ar sobre a cabeça. Ficaram sete dias e sete noites em silêncio, pois viram que a situação era lastimável.

No capítulo 3, o silêncio de todos foi quebrado por um discurso dramático de Jó que tenta compreender todo o seu sofrimento, iniciando, a partir daí, toda uma seção poética dele e de seus amigos, até o capítulo 37, que o acusam equivocadamente de ter pecado contra Deus e pedem que este se arrependa para que sua vida possa ser restaurada novamente.

Depois de todos esses ciclos de debates entre eles, Deus fala diretamente com Jó, convencendo-o de sua ignorância e repreende seus três amigos, pois disse Deus: “Vós não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.”

Por fim, no capítulo 42, depois de jamais ter blasfemado contra Deus e por ter conservado sua integridade, o Senhor restituiu toda a vida de Jó, dando-lhe em dobro tudo o que perdera, vivendo até cento e quarenta anos, e ainda viu sua família se entender até a quarta geração, morrendo de velhice.

3. História e Literatura no Livro de Jó:

O papel da História e da Literatura dentro do livro de Jó, se torna de total importância na medida em que esta busca resgatar respostas para inúmeras indagações, as quais ainda permanecem como incógnitas para leitores e estudiosos desta narrativa.

O livro, mesmo estando presente no cotidiano da maioria da população mundial, uma vez que se encontra dentro da Bíblia Sagrada, que se tornou a obra mais vendida de todos os tempos, ainda levanta questionamentos aparentemente sem repostas, onde o autor permanece desconhecido junto com o período na qual a trama se sucede. Aspectos culturais relacionados aos costumes e tradições da época também podem ser descobertos através da sua temática, nos permitindo ter acesso ao universo particular em que esses indivíduos se inserem.

O livro de Jó, conhecido como a literatura mais antiga do antigo Oriente, é classificado como sapiencial, nome dado a cinco livros do antigo testamento: Jó, Provérbios, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Alguns atribuem também os livros de Salmos, Cânticos dos Cânticos, Tobias e de Baruc.

Por literatura sapiencial entende-se uma escrita que tem a sabedoria (ensinamentos, moral) como foco central, retratando principalmente o sofrimento do inocente, por meio da experiência, tendo surgido inicialmente no Oriente Médio. Na questão bíblica, esta sabedoria é oriunda do temor e o respeito a Deus para obter sua misericórdia.

Um livro que surge, carregado de questionamentos, aparece na história, trazendo uma discussão que, desde cedo, gera dúvidas em estudiosos e demais pesquisadores, que seria acerca de quem é o seu autor e a data exata em que foi escrito, uma vez que, ao contrário da maioria dos livros da Bíblia que possuem suas datas de escrita e autores conhecidos, o livro de Jó gera debates acerca dessas informações.

A princípio, o que é utilizado para chegar a tais dados são as características, comportamentos e manifestações culturais, a língua junto com o

estilo literário e os traços teológicos da obra, mas a análise destas considerações se torna confusa e dificultosa, devido inicialmente à própria linguagem da obra que se apresenta de forma peculiar, dotada de neologismos da língua hebraica tradicional, usada pelo povo antigo de Israel, desde o período dos patriarcas, além da sua junção com o aramaico, considerado atualmente como uma língua morta.

Na literatura, a estilística da obra se compõe de traços que remontam composições literárias de épocas distintas e muito antigas, fazendo com que estudiosos a considerem uma readaptação de outras histórias com um protagonista semelhante.

Levantamentos sobre a data de escrita são elaborados e ainda que não se tenha chegado a um número específico, a maioria o aponta como pós-exílico, uma época em que Israel estava dominada pelo Império Persa, num momento de crises, onde, por meio da tradição e do contato do povo com Deus, se busca um fortalecimento diante a opressão estrangeira.

Porém, alguns ainda apontam trechos do livro de Jó dotado de partes com características subsequentes, se referindo até ao livro de Jeremias e Isaías, mas ainda são apontamentos insuficientes e fracos. Existem também considerações acerca de que este possa ser o livro mais antigo da Bíblia, em que a presença de alguns escritos em aramaico impedem a possibilidade de uma data mais recente.

Algumas Bíblias como a de Jerusalém, por exemplo, defendem que o livro de Jó é seguinte ao de Ezequiel e Jeremias, portanto, em uma época após o exílio na Babilônia fazendo que sua escrita seja estabelecida no século V a.C. Depreende-se que a descoberta de uma real data se afasta cada vez mais com essa quantidade de suposições.

Inúmeras são as especulações feitas sobre o seu possível autor e os nomes mais cotados são os de Moisés, Jeremias, Salomão e Eliú. Porém, não existem certezas sobre nenhum desses nomes, até hoje. Levando-se em consideração a região em que se passa a trama e os demais aspectos, sabe-se que ele foi escrito nos âmbitos israelitas por um próprio autor israelita judeu, pois a inspiração divina veio primeiramente a este povo.

Estudiosos ligam a obra a Moisés devido a sua estada em Midiã e o seu caráter patriarcal, por vez, outros colocam Salomão para a sua autoria por causa do

livro de Eclesiastes que apresenta algumas semelhanças. Acerca da autoria e data, afirmam que:

Uma análise cuidadosa dos conceitos presentes no livro mostram claramente que ele só pode ter sido escrito depois de Jeremias e Ezequiel. Em relação à linguagem utilizada, é conhecida a presença de aramaísmos, isto é, palavras que provêm da língua aramaica. E isto nos leva a concluir que o livro foi escrito apenas depois do exílio do povo na Babilônia, entre os anos 500-400 antes de Cristo. Estamos há mais de 500 anos da morte de Moisés! Coisa comum a vários livros bíblicos, não conhecemos o verdadeiro autor do livro (ROSA, 2011, p. 10).

Outros estudiosos costumam atribuir a autoria ao próprio Jó, em parceria com Moisés, uma vez que, depois da trama decorrida, Jó teria vivido em torno de 140 anos de paz e fartura, tempo suficiente para escrever sob inspiração divina esse momento de sua vida.

Os diálogos de Deus com Satanás e também as conversas entre Jó e seus amigos só poderiam ser descritas por alguém que os tivesse presenciado; os seus dias finais teriam sido concluídos por Moisés, pois este, segundo tais estudiosos, teria vivido na mesma época tendo, inclusive, Moisés passado um período habitando na mesma região de Jó.

Para os cristãos e demais seres que acreditam na Bíblia e que na sua fé a consideram como verdade absoluta, apesar do desconhecimento sobre o autor do livro de Jó, data e outros detalhes que permanecem ocultos, não atribuem nenhuma importância a isto, pois o que realmente é tido como relevante é o seu caráter de total inspiração divina e os seus ensinamentos sobre integridade, paciência, fidelidade e confiança em Deus, onde como já foi informado na obra é apresentado um ensinamento que tem fundamento de sabedoria que é obtida através do sofrimento, como é presente em quase todos os princípios bíblicos, e não de base histórica.

Ao analisar o contexto cultural, já foi exposto que não possui um período certo da escrita, onde suas partes poderiam ter sido redigidas por autores e momentos diferentes, ou não. Mesmo assim, recuperaremos traços característicos dessa sociedade que, mais provavelmente tenha vivido durante período pós-exílio, há cerca de 2500 anos, através dessa extraordinária literatura.

Logo na primeira parte do primeiro capítulo, intitulado como “A virtude e riqueza de Jó”, fica exposto um traço próprio da sociedade patriarcal, na forma como a riqueza de Jó foi medida, através do seu rebanho: sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas. Essa contagem era comum no antigo Oriente.

Sua cidade ficava na terra de Uz, norte da Arábia, próximo de Midiã, lugar onde Moisés vivera durante 40 anos. Daí, surgem os apontamentos como possível autor. Jó oferecia frequentemente holocaustos a Deus, de acordo com o número de seus filhos, como forma de purificação, caso eles tivessem pecado durante a semana. Essa tradição é conhecida bíblicamente desde os tempos de Noé, que fora interrompida depois da morte de Jesus Cristo, como sinal de completo sacrifício.

Ainda no primeiro capítulo, na segunda parte intitulada como “As aflições de Jó”, há toda uma simbologia acerca de seu sofrimento e a forma como este se manifesta, demonstrando profunda tristeza ao saber da morte de todos os seus filhos de uma vez só. Ao se levantar, rasga o seu manto, raspa a cabeça, e prostrando-se em terra, adora a Deus. Todas essas manifestações expressa todos os símbolos de luto da época.

No capítulo 2, após a segunda tentativa de acabar com a firmeza da integridade de Jó, Satanás lhe fere com diversos tumores malignos, dos pés à cabeça, deixando-o em cinzas, essa é a expressão da qual Jó se utiliza para representar seu terrível sofrimento. Nesse período, aqueles que sofriam de lepra, iam para um lugar chamado “monte de cinzas”, um espaço isolado e fora da cidade.

Sabendo do desastroso sofrimento de Jó, três amigos foram o consolar: Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta, e Zofar o naamatita.

Temanita. É bem provável que Temã fosse uma cidade de Edom (cf. Gn 36.4,11; Jr 49.7,20; Ez 25.13; Am 1.12; Ob 8.9). **Suíta.** Os suítas eram descendentes de Abrão por meio de Quetura (Gn 25.1-2,6). **Naamatita.** Residente de um local desconhecido, provavelmente em Edom ou Arábia, embora alguns estudiosos tenham sugerido que Naamá ficasse na fronteira edomita (cf. Js 15.41).

A reação destes, com relação ao sofrimento de Jó, também apresenta traços comuns, expressando todos os gestos tradicionais de luto da época: eles rasgaram os seus mantos, arremessaram pó para cima, sobre suas cabeças,

choraram em alta voz, e sentaram junto de Jó, mas durante sete dias e sete noites, nenhuma palavra lhe saíam de sua bocas.

Após a quebra do silêncio, há um rompimento no relato expositivo, para uma longa prosa poética entre Jó, Elifaz, Bildade, Zofar e inclusive de Deus, retratando principalmente o porquê de tamanho sofrimento em alguém, que era considerado tão sábio e íntegro. Este relato será analisado no próximo capítulo, o qual levará em consideração as características literárias do livro.

No epílogo, no capítulo 42, Deus repreende os amigos de Jó por atribuir-lhe coisas que não correspondem ao seu caráter, pelas falsas alegações, repletas de insensibilidade e arrogância, afirmando que o culpado de toda a desgraça na vida de Jó, seria ele mesmo, na sua desobediência. E, para perdoá-los, encarrega-os de lhe oferecerem holocaustos. Mas somente Jó poderia interceder por seus amigos, pois Deus só aceitaria a sua oração, e daria o seu perdão somente através de Jó, o único justo entre os tais. E assim o fizeram, e a oração de Jó foi aceita por Deus.

Após isso, a prosperidade de Jó é restaurada e tudo que possuía, antes, voltará a possuir em dobro, deixando herança para todos os seus filhos, incluindo as mulheres e os homens, prática que não era comum no Oriente, pois na lei judaica as mulheres só se tornariam herdeiras, no caso de ainda não terem tido filhos, Jó possuía bastante para todos.

A idade de Jó, de forma peculiar, evidencia a longanimidade de sua geração, fato comum, caracterizando a época, sendo que este morrera aos cento e quarenta anos, tendo a oportunidade ver os filhos de seus filhos, até a quarta geração. Morreu velho, pois sua vida foi farta de dias.

CONCLUSÃO

A partir desses pressupostos, depreende-se, que a respeito dos estatutos histórico e literário, apesar das inúmeras discussões, que muitas vezes se dava de forma hierárquica, classificando-os como verdade x ficção, houve uma evolução na análise desses conceitos, em que a literatura poderia abranger verdades e fatos, papel que era dado unicamente à história, no qual, obras literárias passaram a ser participantes no trabalho do historiador.

Assim a história e a literatura atuam de maneira conjunta, uma auxiliando na melhor compreensão da outra. Determinadas obras podem possuir características que as situem dentro dos dois contextos, não sendo possível definir qual área se encaixe especificamente. Essa relação é trabalhada no livro de Jó, um livro de cunho teológico, que sobre o olhar histórico é rico em aspectos culturais, que descrevem o comportamento, estilo de vida, a língua do povo e costumes da época; seguido dos padrões literários e estilísticos em que é escrito, em momentos traços poéticos outros narrativas de descrição.

E na literatura e na teologia, dentro destes diferentes universos, existe uma interação em que uma usa da outra para esclarecer dificuldades corriqueiras e mistérios ao homem, onde em algum momento a teologia tenha se dirigido para importância da literatura e compreendido a sua inclinação para revelar os principais traços da humanidade, já que sendo a união desses duas conjunturas de essencial importância para o entendimento do caráter humano.

Portanto conclui-se que com a apropriação do referencial teórico possibilitou-se, entre outras coisas, a formação de uma visão não determinista dos fenômenos considerados, conhecendo diferentes conceitos e posicionamentos de diversos teóricos a respeito de ambas as áreas.

Neste respectivo trabalho, teve como principal objetivo, apresentar os diferentes conceitos de História e Literatura que surgiram ao longo do tempo, observando o grau de reciprocidade entre os diferentes estatutos, e como estes dialogam, observando as assimetrias existentes entre ambos, uma vez que, são campos distintos e autônomos, mas que se cruzam e se convergem continuamente,

e através desses pressupostos analisar uma narrativa, o livro de Jó, considerado a obra prima da Literatura sapiencial, evidenciando as convergências das conjunturas.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **A Poética**. 2. Ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR. Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 2048 p.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo. Paulus, 2003. 2206 p.
- FILHO, Hilbeto Barbosa. **O Clarim e a Oração: Cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- FORTUNATO, Maria Lucinete; ANDRADE, Raquel Thomaz de. Narração Histórica, Narração Literária: Uma Aproximação Possível. **Saeculum: Revista de História**, João Pessoa, v. 1, n. 20, p.111-118, jan. 2009.
- HERÓDOTO. **História**. São Paulo: Ebooksbrasil, 2006.
- LEONEL, João. **Literatura e Teologia: gênero literário e texto bíblico**. São Paulo: Ideia, 2013.
- LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NUNES, Benedito. **Filosofia Política 7**. Porto Alegre: L&PM, 1993. 128 p.
- PEREIRA, João Batista. **JÓ, I, 89**. João Pessoa: Ideia, 2012. 182p.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & Literatura: Uma nova velha história**. Disponível em: [HTTP://nuevomundo.revues.org/index1560.html#bodyftn10](http://nuevomundo.revues.org/index1560.html#bodyftn10)
- CHARTIER, Roger. **À beira da Falédia: história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Edição Universitária/ UFRGS, 2002.
- VERÍSSIMO, José. **Que é Literatura?: e outros escritos**. São Paulo: Landy, 2001
- WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

